

CORREIO DAS MODAS (1838-1839) E NOVO CORREIO DE MODAS (1852-1854): A PROSA FICCIONAL ENTRE AS PUBLICAÇÕES DOS LAEMMERT

Ana Laura DONEGÁ¹

Resumo: Esta pesquisa procura investigar a presença e a circulação da ficção em prosa no Rio de Janeiro oitocentista, tomando como base duas revistas editadas pelos irmãos Laemmert: o *Correio das Modas* (1838-1839) e o *Novo Correio de Modas* (1852-1854). No contexto de inserção e consolidação do folhetim na imprensa brasileira, essas publicações foram pioneiras, reservando, desde seus primeiros números, um lugar para a divulgação da prosa ficcional. Interessa reconstituir as condições de existência dos periódicos, considerando sua rede de produção e circulação; levantar a prosa ficcional publicada pelas revistas (identificando os textos nacionais e os traduzidos); observar a presença da tríade edificação, instrução e deleite nas narrativas; e analisar de que maneira elas contribuíram no processo de constituição da literatura nacional, que tanto preocupava os românticos da primeira metade do XIX.

Palavras-chave: Narrativas ficcionais; Imprensa do século XIX; Laemmert.

Abstract: The aim of this research is to investigate the presence and circulation of fictional texts in nineteenth-century Rio de Janeiro, based on two journals published by Laemmert's brothers: *Correio das Modas* (1838-1839) and *Novo Correio de Modas* (1852-1854). At this time, when the publication of "feuilleton" in Brazilian press was spreading, those publications were pioneers and contributed to the consolidation of a national literature. This research is interested in the reconstitution of the conditions of existence of those journals, considering its production and circulation. It also wishes to identify the narratives presented in these magazines (for example, which of them are Brazilian and which are translated), as well as it aims to observe the presence of the triad edification, education and delight in the narratives and to analyze their contribution to the formation of national literature.

Key-words: Fictional stories; Nineteenth press; Laemmert.

1. O Rio de Janeiro em meados dos Oitocentos

O governo de D. Pedro II foi marcado pela realização de uma série de investimentos cujo intuito era dotar a capital do Império de um aspecto mais civilizado. Nessa época, a corte ganhou ruas calçadas, iluminação a gás, bondes puxados a burros, rede de esgoto e abastecimento domiciliar de água, medidas que visavam à solidificação do processo de urbanização do Rio de Janeiro. Em meio a essas mudanças, alteraram-se também os costumes dos cariocas, com a inauguração de diversos espaços que ampliaram as opções de lazer disponíveis à população. Diante da possibilidade de frequentar novos locais, como teatros, bailes, cafés, confeitarias e passeios públicos, "a vida mundana floresce[u], revelando a sociabilidade do povo." (MACHADO, 2001, p.17).

O próprio imperador participou dessas iniciativas, atuando como promotor das artes e das ciências: D. Pedro II incentivou o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB),

¹ Mestranda em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp (IEL/UNICAMP). Esta pesquisa está sendo financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

oferecendo uma sala do Paço Imperial às reuniões do instituto, destinando prêmios aos melhores trabalhos e, inclusive, presidindo várias sessões. O monarca também patrocinou projetos de pesquisas de documentos relevantes à história brasileira; estimulou cientistas de diversas áreas; financiou artistas; implementou a Academia Imperial de Belas-Artes e foi figura constante no Colégio Pedro II, com o qual manteve relação estreita, já que, além de investir na reforma do edifício, acompanhou seleções de professores, elaborações de currículos, aplicações de testes aos alunos e diversas cerimônias que tiveram lugar na escola. (SCHWARCZ, 1998).

Após a promulgação da Lei Eusébio de Queirós, em 1850, a possibilidade de novas aplicações para o capital antes empregado no comércio de escravos permitiu que inovações técnicas importantes fossem introduzidas no cenário nacional. Em 1852, Irineu Evangelista de Souza, o Barão de Mauá, introduziu a navegação a vapor na região amazônica e, dois anos mais tarde, inaugurou a primeira ferrovia do país, a Estrada de Ferro Mauá, ligando a cidade de Petrópolis à baía de Guanabara.

A evolução técnica dos meios de transporte, especialmente do navio de vapor, auxiliou a diminuir as distâncias entre os pontos do planeta e elevou o comércio internacional. Outras mudanças, como o cabo submarino e o telégrafo, também permitiram maior agilidade na troca de informações entre as províncias do Brasil e mesmo com outras partes do globo. (SODRÉ, 1999, p. 186).

Impulsionadas por essas conquistas técnicas, as transformações desse período atingiram também diversas práticas sociais e levaram à maior sincronia com a Europa, inteirando a população sobre os acontecimentos externos e possibilitando o acesso a diversos produtos de consumo importados do Velho Continente. Dentre esses produtos havia uma especial predileção pelos de origem francesa. Segundo um artigo publicado pelo *Novo Correio de Modas* (1852, p. 15), a França era grande fornecedora de materiais para escritório, gravuras, litografias e livros:

Entre os artigos que a França exporta para países estrangeiros, distinguem-se em um dos primeiros lugares os livros, músicas, gravuras e objectos de escriptorio. No anno de 1850 o valor destes artigos subio a fr. 23,858,620, constando das parcellas seguintes, a saber:

Livros.....	Fr. 5,736,940
Papel (de impressão, almanco de peso, papeis de luxo, <i>papeterie</i>).....	12,930,670
Gravuras e lithographias.....	4,634,806
Musica.....	230,844
Typos.....	352,360

O texto transcrito acima indica a importância da exportação de livros para as finanças francesas, visto que esses materiais ocupavam uma posição de destaque entre os bens enviados pelo país a outras nações. A respeito da presença desses produtos em território brasileiro, Marisa Lajolo (2004, p. 38) afirmou que “a influência francesa era de tal monta que se pode dizer que a França dominava o mercado de livros no Brasil”. O domínio de obras “*made in France*” assinalado pela autora pôde ser comprovado em uma pesquisa anterior (DONEGÁ & GAIOLA, 2008), na qual analisamos os romances anunciados no *Diário do Rio de Janeiro* e no *Jornal do Commercio*, entre 1840 e 1843. Nossos dados revelaram que *Aventuras de Telêmaco; História de Gil Braz de Santilhana; Novelas Galantes; Tesouro de meninos; Tesouro de meninas; Mil e huma noites; Aventuras de hum homem de qualidade; Histórias da Tartaria; Diabo coxo; História de Carlos Magno; Bacharel de Salamanca; Amigos e rivaes, ou Henriqueta e Lucia; Carolina de Litchfield* — todos de origem francesa — foram os romances mais divulgados nesse período, corroborando assim a influência da França no mercado de livros brasileiros desse período (sugestão – eliminar repetição: “período”).³

Outro testemunho da importância da presença francesa veio do depoimento de Daniel Kidder, um missionário metodista norte-americano que esteve no Brasil nas décadas de 1830 e 1840. Em suas *Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do Sul do Brasil* (KIDDER, 1980, p. 101-106), ele destacou que a preeminência dessas obras era comum tanto em nosso país quanto em Portugal, especialmente devido ao gosto desses dois povos pela leitura de folhetins:

Qualquer novela barata dos folhetins parisienses precisa ser traduzida para surgir em forma de livro em Lisboa e no Rio de Janeiro. Para a matrícula nos institutos superiores de ensino é indispensável o seu conhecimento, aliás bastante generalizado. Daí a procura dos livros franceses em detrimento dos portugueses. Para que o leitor se convença do que afirmamos basta que se dê o trabalho de examinar os mostruários das livrarias e reparar como é grande o estoque de livros franceses. Quase todos os navios procedentes do Havre trazem grandes quantidades de livros para serem vendidos em leilão, sendo bastante freqüentes tais vendas. (...) As obras de Voltaire, Volney e Rousseau quase diariamente são oferecidas aos que fazem maiores lances, e, para eles, há sempre compradores.

² Ao longo deste texto, optei por transcrever os textos conforme a ortografia e sintaxe originais.

³ Regiane Mançano, examinando o período de 1808 a 1844, chegou a resultados semelhantes: sua pesquisa mostrou que as obras originárias da França eram quase a totalidade dos anúncios divulgados no *Correio Brasiliense* (1808-1822), na *Gazeta do Rio de Janeiro* (1808-1822) e no *Jornal do Comércio* (1827-1879), três dos principais jornais em circulação no Rio de Janeiro durante o século XIX. Conferir: MANÇANO, 2010.

O consumo de romances pela população brasileira descrito por Daniel Kidder teve forte crescimento, sobretudo a partir de meados de 1840, com a ampliação da presença dos folhetins nos rodapés dos periódicos. De acordo com Marlyse Meyer (1996, p. 283), nessa década, houve “uma febril atividade” nos jornais, coincidindo com o “progressivo alargamento e atualização do consumo de ficção”, principalmente daquela produzida por escritores franceses como Lavergne, Dash, Berthet, Souvestre, Frédéric Soulié e Alexander Dumas.

A intensificação da presença da prosa de ficção, a que se refere a autora, pode ser mais bem compreendida à luz das transformações sociais vividas por todo o país nesse momento, embora com uma maior intensidade na corte. Além do incremento da urbanização, outras transformações permitiram que o Rio de Janeiro passasse a “a exibir alguns dos traços necessários para a formação e fortalecimento de uma sociedade leitora”, como a existência de tipografias, livrarias, bibliotecas e a melhora de um sistema de escolarização (LAJOLO & ZILBERMAN, 1996, p.18).

De fato, nesse período, houve um aumento significativo dos espaços destinados à leitura na corte, entre os quais se destacaram o Gabinete Português de Leitura — fundado em 1837, por iniciativa de Francisco Eduardo Alves Viana e José Marcelino da Rocha Cabral — e a Biblioteca Fluminense — criada em 1847 e dirigida pelo cônego Fernandes Pinheiro. A corte brasileira assistiu ainda ao aprimoramento do seu sistema escolar, com a abertura de diversas instituições de ensino — como a Escola Normal, em 1836, o Colégio Augusto, em 1838, e o Imperial Colégio de D. Pedro II, em 1839 —, outro fator que auxiliou na proliferação do número de leitores.

Nessa época, alguns comerciantes decidiram investir no crescente comércio livresco brasileiro, inaugurando editoras, gráficas e livrarias. De acordo com Alessandra El Far (2004, p. 36), durante as décadas de 1840 e 1850, o campo editorial brasileiro foi marcado pelo trabalho de Paula Brito, um “mulato de origem modesta”, que havia aprendido o ofício na Typographia Nacional e no *Jornal do Commercio*. Procurando incentivar a produção de textos de seus compatriotas, impulsionar a vida literária do Brasil e, obviamente, lucrar com essas produções, Paula Brito imprimiu alguns de nossos primeiros romances, como *O Filho do Pescador*, em 1843, e *Tardes de um pintor, ou intrigas de um jesuíta*, em 1847, ambos de Teixeira e Souza. Sua livraria era muito famosa na época e funcionava como ponto de encontro da Sociedade Petalógica, onde se reuniam poetas, jornalistas e políticos.

Segundo Ferreira (2001, p. 31), os franceses também “viram no mercado brasileiro um importante e promissor terreno a ser explorado”. Baptiste Louis Garnier, um dos livreiros mais preeminentes do período — famoso por seu talento como empresário e por investir em romancistas brasileiros — era de origem francesa. No entanto, antes dele, já em 1838, os irmãos alemães Edward e Heinrich Laemmert haviam fundado a sociedade “E. & H. Laemmert, mercadores de livros e de música”, que se tornou conhecida pelo *Almanaque* e as *Folhinhas Laemmert*, mas responsável também pela publicação de vários periódicos com espaços especialmente reservados para narrativas ficcionais.

1.1. As revistas *Correio das Modas* e *Novo Correio de Modas*

Em nota publicada no *Diário do Rio de Janeiro*, no dia 18 de dezembro de 1838, Edward e Heinrich Laemmert noticiaram a venda de uma nova publicação em sua livraria:

A livraria de E. e H. Laemmert convida á assignatura do novo periodico, que se publicará todos os sabbados, a correr de 1º. de janeiro próximo, intitulado: **CORREIO DAS MODAS** jornal litterario e critico de modas, bailes, theatros, etc., contendo artigos sobre as modas, novellas escolhidas originaes e traduzidas, poesias, anedoctas, charadas, etc. Cada n. impresso em bom papel será ornado de uma magnífica estampa colorida. Preço da assignatura por 4 mezes \$5Uooo.

O anúncio revela a ampla temática da revista *Correio das Modas*, que veiculou, em suas páginas, matérias sobre diversos assuntos, desde moda, crônicas e charadas, a novelas e poesias. Apesar da variedade, houve um nítido destaque a textos literários e artigos sobre moda, temas que receberam uma atenção toda especial por parte dos redatores. A revista abordou tendências e novidades de vestuário, apresentando e descrevendo detalhadamente figurinos, moldes e debuxos de bordados para ambos os sexos. Esses modelos foram copiados de pranchas de moda provenientes da Europa, sobretudo da França, e trazidos ao nosso país pelos paquetes. Costumava-se destacar a origem francesa do modelo, como meio de apontar seu refinamento e garantir sua qualidade. A respeito da influência da moda francesa em meados do século XIX, Souza (1987, p. 224) comentou que:

(...) Revistas como *Le Follet*, *Nouveau Paris de Mercier*, *The Young Englishwoman*, traz[ia]m sempre a sua prancha de modas. O mesmo acontecia com nossas publicações como a *Revista Popular* e *O Novo Correio de Modas*, que reproduziam as admiráveis aquarelas de Anais Toudouze, fazendo uma pormenorizada descrição dos trajés. Por isso, no Brasil, a entrada do paquete inglês era esperada com sobressalto, pois junto com as notícias internacionais chegavam as regras da elegância.

A prosa ficcional ocupou, ao lado da moda, um local de prestígio no periódico, cuja publicação em edições semanais entre 1838 e 1839 coincidiu com o início da impressão de folhetins em território nacional. Em 31 de outubro de 1838, o *Jornal do Commercio* veiculou o primeiro capítulo de *O capitão Paulo*, de Alexandre Dumas, introduzindo o *feuilleton-roman* nos rodapés dos periódicos brasileiros. No ano seguinte, outros jornais — não só da capital, como também das províncias — decidiram acolher essas narrativas, divulgando folhetins traduzidos do francês e as “primeiras manifestações da ficção em prosa brasileira, com os textos de Pereira da Silva, J. J. da Rocha, Paula Brito e outros.” (MEYER, 1996, p. 32).

O *Correio das Modas* participou do processo de difusão dos folhetins, abrindo espaço tanto para as composições nacionais quanto para as traduções. Ao contrário do que aconteceu com os figurinos e moldes, houve grande participação de brasileiros na seção relativa às narrativas, pois, a cada número, o periódico trouxe ao menos uma história traduzida ou redigida por algum escritor brasileiro. Ainda não possuímos dados suficientes a respeito dos autores das narrativas e da quantidade de títulos publicados pela revista. Porém, a leitura dos seis primeiros meses de sua circulação revelou que, entre os literatos brasileiros que colaboraram enviando textos em prosa de ficção, estiveram grandes personalidades do círculo literário nacional, como Gonçalves de Magalhães e Martins Pena — escritores mais conhecidos pelo trabalho com outros gêneros literários, como a poesia e o teatro. Com o fim da revista, os irmãos editores afastaram-se por algum tempo da imprensa periódica literária e se dedicaram a outros empreendimentos.

Apenas na década de 1850 retomaram essa atividade com a produção do *Novo Correio de Modas* (1852-1854). Muito semelhante a sua antecessora, ela também contou com matérias como crônicas, charadas, poesias e tratou com distinção os textos sobre moda e prosa ficcional. Esse periódico foi estudado por mim durante a graduação e resultou na monografia “Novo Correio de Modas (1851-1854): a prosa ficcional na moda e a moda na prosa ficcional”. (DONEGÁ, 2009). Ao longo dessa pesquisa, pude perceber que, ao contrário do que fazia o *Correio das Modas* — que divulgou prioritariamente textos de escritores nacionais —, o *Novo Correio de Modas* enfatizou narrativas redigidas por autores estrangeiros. A revista dialogou com uma série de publicações de outros países, extraindo textos de jornais como *Revue et Gazette Musicale de Paris*, *Novo Panorama*, *A Esperança*, *Revista Britânica*, *Lanterne Magique*, *Albany's Weekly Messenger*, *Ilustração Espanhola* e *Illustration*. Embora mencionasse vez ou outra a procedência de seus artigos, raramente informou sua autoria, apresentando simples abreviações e pseudônimos no local da assinatura. Apesar da curta

duração, o periódico provavelmente obteve êxito editorial, o que fica evidente diante do fato de que não divulgou anúncios em seu interior, sustentando-se, portanto, apenas com a venda de seus números.

As narrativas do *Novo Correio de Modas* são uma rica fonte de sobre valores oitocentistas, já que esses textos abordam temas como os papéis sociais reservados a cada sexo, a importância da religião e, no caso das narrativas escritas por brasileiros, a crítica à escravidão. Além disso, mostram a forte ligação da revista com a literatura estrangeira, especialmente com a da Alemanha, país de origem dos editores. Eduardo e Henrique Laemmert se empenharam em apresentar, aos seus leitores, textos de seus conterrâneos, sobretudo de Ernst Hoffman, dando grande destaque ao subgênero gótico nas páginas da revista.

Ainda que publicassem textos de origens diferentes, os dois periódicos se assemelhavam devido à grande preocupação com o conteúdo moral de seus textos em prosa ficcional, um zelo muito comum na imprensa desse período. De acordo com Antonio Candido (2003, p. 79), os discursos sobre romances produzidos nos séculos XVIII e XIX tinham como pontos-chave a educação moral e o entretenimento, sendo que a indução à virtude encontrava-se atrelada à recreação, já que as narrativas ensinavam valores de comportamento a seus leitores ao mesmo tempo em que os divertiam. De fato, os romancistas desse período demonstraram forte preocupação em colaborar com a edificação, a instrução e o lazer de seus leitores:

A finalidade principal dos Romances, ou ao menos a que deveria ser, a que se devem propor todos aqueles que os compõem, é a instrução dos Leitores, a quem é necessário fazer ver a virtude sempre coroada e o vício castigado. Mas como o espírito do homem é naturalmente inimigo dos ensinamentos, e seu amor-próprio o revolta contra as instruções, é preciso enganá-lo pelos atrativos do prazer, adoçar a severidade dos preceitos pelos exemplos agradáveis, e corrigir seus defeitos condenando-os em outra pessoa. Assim, o divertimento do Leitor, que o Romancista hábil parece ter por objetivo nada é além de uma finalidade subordinada à principal, que é a instrução do espírito e a correção dos costumes. (HUET, 2003, p. 306).

A esse respeito, Sandra Vasconcelos (2002, p. 05) acrescentou que, por não depender do conhecimento de regras de retórica e de poética, como outros gêneros da tradição clássica, o romance desfrutou de apelo junto ao grande público. Devido a essa capacidade de penetração, ele foi empregado como um “precioso instrumento pedagógico”, no intuito de “educar o leitor, de influir na sua formação, de oferecer-lhe instrução de maneira agradável e até mesmo imperceptível”.

O apoio na moralidade foi uma estratégia utilizada para vencer a resistência daqueles que viam a possibilidade de o romance influenciar negativamente o comportamento das pessoas, sobretudo das mulheres e dos jovens. Para alguns críticos, esses indivíduos seriam mais facilmente suscetíveis a tomar os exemplos apresentados como modelos de conduta e a se comportar, na vida real, tal qual as personagens da ficção. Daí a necessidade de se apresentar textos que premiavam a virtude e condenavam o vício, refutando as condenações ao gênero.

As narrativas publicadas pelas revistas *Correio das Modas* e *Novo Correio de Modas*, como a maior parte da prosa ficcional dessa época, objetivavam deleitar, instruir e, sobretudo, colaborar com a educação moral de seus leitores. Sendo assim, os redatores realizaram uma seleção criteriosa dos textos divulgados nas páginas dos dois periódicos. O zelo pelo conteúdo moral das narrativas levou-os a preferir temas como o casamento, a necessidade de obediência aos pais, a importância da participação paterna na educação dos filhos e de outras questões relevantes para a defesa da instituição familiar.

2. Objetivo e metodologia

Proponho, com essa pesquisa, estudar o gênero romanesco, em especial sua produção e circulação no Brasil em meados do século XIX; reconstituir as condições de existência dos periódicos *Correio das Modas* e *Novo Correio de Modas* — considerando sua rede de produção (editores, redatores e colaboradores) e circulação (locais de venda, distribuição etc) —; levantar a prosa ficcional publicada nas duas revistas; identificar sua procedência; analisar a produção nacional e ainda observar a presença de tríade edificação, instrução e deleite nas narrativas veiculadas.

A pesquisa de fontes primárias será realizada no Arquivo Edgard Leuenroth (AEL, IFCH — UNICAMP), onde são guardados microfilmes de parte dos periódicos conservados pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, dentre os quais se encontram o *Correio das Modas* e o *Novo Correio de Modas*. Nesse local, realizei a digitalização do microfilme relativo à segunda revista, que foi estudada por mim durante a graduação. Após essa etapa, empreendi uma leitura cabal e uma análise minuciosa, especialmente da seção onde eram publicadas as narrativas e organizei os dados recolhidos em uma tabela.

Pretendo agora dar continuidade à pesquisa, procedendo de forma semelhante com o *Correio das Modas*. Além disso, nesse mesmo arquivo, efetuarei a leitura de alguns exemplares do *Almanaque de Laemmert*, na tentativa de procurar colher informações sobre o trabalho dos irmãos alemães no comércio livreiro e tipográfico carioca.

4. Referências bibliográficas

- ABREU, Márcia. **Os Caminhos dos livros**. Campinas: Mercado de Letras/ALB/FAPESP, 2003.
- CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite & outros ensaios**. 3ª. Edição. São Paulo. Ática, 2003.
- Correio das Modas (1838-1839)**. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert.
- _____. **Formação da Literatura Brasileira**. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2006.
- EL FAR, Alessandra. **Páginas de Sensação – literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870 - 1924)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- DONEGÁ, Ana Laura. **Novo Correio de Modas: a prosa ficcional na moda e a moda na prosa ficcional**. Monografia. Campinas: IEL/UNICAMP, 2009.
- _____; GAIOLA, Juliana Sagradim. Prosa Ficcional e Imprensa Periódica no Rio de Janeiro Oitocentista. In: 5º. Seminário de Pesquisas da Graduação (SEPEG), Campinas, 2008.
- FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. Livros e sociedade: a formação de leitores no século XIX. Rio de Janeiro: Teias, 2001, p. 31-37.
- KIDDER, Daniel P. **Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do Sul do Brasil (Rio de Janeiro e Província de São Paulo) compreendendo Notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias**. Trad. de Moacir N. Vasconcelos. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980.
- LAEMMERT, Eduardo; LAEMMERT, Henrique. Anúncio. **Diário do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tipografia do Diário, 1838.
- MACHADO, Ubiratan. **A vida literária no Brasil durante o romantismo**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.
- MANÇANO, Regiane. **Livros à venda: uma história do romance por meio de anúncios de jornal**. Dissertação de mestrado. Campinas: IEL/UNICAMP, 2010.
- MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- Novo Correio de Modas (1852-1854)**. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert.
- SCHAPOCHNIK, Nelson. **Os jardins das delícias: gabinetes literários, bibliotecas e figurações da leitura na corte imperial**. Tese de Mestrado: USP, São Paulo, 1999.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- SOUZA, Gilda de Mello. **O espírito das roupas: a moda no século dezenove**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- VASCONCELOS, Sandra Guardini. Formação do Romance Brasileiro: 1808 – 1860 (Vertentes Inglesas), 2002. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/>. Acesso em 03 de julho de 2011.